

# Jornal O Cola





Título Original: Opressão, Liberdade de Expressão, Feminismo

© 2021, Jornal O Cola

1ª Edição (Jornal O Cola) Maio 2021

Capa: Eugénia Patrício

Nesta primeira edição (de muitas, esperamos) decidimos honrar e dedicarmo-nos a abril.

Todos conhecemos o velho adágio de “abril águas mil”, mas é também verdade que em abril, existem ainda lutas mil.

Sendo abril um mês de lutas, sendo que é a abril que se atribui a liberdade que hoje vivemos, não nos quisemos esquecer dos esforços ainda por realizar contra a opressão e a favor da liberdade. E foi por isso, e não só, que escolhemos focar-nos com maior incidência na luta feminista.

Apesar de todos os esforços realizados, apesar de toda a luta que ainda se faz, a sociedade patriarcal em que vivemos continua a mostrar que ainda tem força dentro de si, força essa que continua a dar mostras de querer ficar para contar a sua história.

Abordamos, por isso vários assuntos sob a perspectiva do feminismo, para que pudéssemos lembrar e demarcar que a liberdade que é celebrada em abril não pode ser totalmente conquistada até que a luta feminista esteja completa.

Assim sendo, apresentamos a nossa coletânea para este mês de abril (embora lançada só em Maio) para vosso deleite e desejamos que este seja o primeiro de muitos passos para o nosso coletivo em direção a uma nova linha de pensamento na faculdade que procure estar próxima dos alunos e ter os alunos próximos dos órgãos que os querem representar.

Com desejos de um eterno abril;

*A equipa edital do Jornal O Cola*

## Um Novo Começo – Liberdade de Expressão

Liberdade de expressão... Liberdade para ser quem sou, para expor aos outros o que penso e o que sinto. Existem tantas formas distintas de nos expressarmos – a partir da roupa que usamos, dos diversos tipos de arte que produzimos, inclusive a partir da mera verbalização de pensamentos – que, por vezes, nem nos damos conta do grande leque de possibilidades que temos. Aliás, até deveríamos sentir-nos gratos por vivermos num país onde existe tanta liberdade de expressão, mas isso não quer dizer que não existem pessoas que nos querem silenciar.

Será que temos posse total da nossa liberdade de expressão? Parece muito ambicioso e um pouco arrojado afirmarmos que sim. Será que nunca fomos oprimidos? Eu fui; amigos e familiares meus foram... Provavelmente tu, que está a ler este texto, já o foste. Porque nem sempre a opressão é visível ou audível. Por vezes, deixamos de usar determinada roupa, pois temos medo de ser julgados ou assediados. Membros da comunidade LGBTQ+ por vezes são maltratados e sofrem simplesmente por serem quem são – esta opressão é hoje mais visível, mas resta-nos um longo caminho a percorrer.

Sempre achei que a FLUL era um lugar seguro para sermos quem somos e para nos expressarmos. A nossa faculdade é uma das faculdades mais receptivas que existem em Lisboa e arrisco-me mesmo a dizer de Portugal inteiro. Usamos o que queremos usar, fazemos do nosso corpo um meio de expressão, dizemos o que pensamos e entendemos que cada um é como cada qual (pelo menos era esta a visão que eu tinha da FLUL).

Sou aluna do departamento de Filosofia e tenho consciência de que, por vezes, eu – assim como alguns colegas meus -, já expressámos opiniões bastante polémicas: como por exemplo, debates sobre a natureza maligna de Deus ou opiniões arrojadas sobre a morte. Mas nunca vivi um caso de opressão devido à minha opinião.

Os Fazedores de Letras deviam continuar este legado e permitir que os alunos expressem as suas opiniões e sejam eles mesmos, representando assim toda a comunidade. Contudo, esta não é a realidade e vários membros da nossa comunidade não se sentem representados pelo jornal, resultando em mais do que uma situação de opressão feita pelo colectivo.

Eu escrevi um texto em prol do Dia da Mulher e enviei-lhes, ansiosa por poder falar sobre algo que acho bastante interessante. Queria expressar o meu lado feminista e dar apoio a todas as mulheres da nossa comunidade. Em vez disso, fui surpreendida com uma data de comentários ásperos, que pareciam encarar a minha mundividência como um bicho-de-sete-cabeças. Pelos vistos, o jornal da faculdade só permite que expressemos a nossa opinião se eles próprios já tiverem visto e testemunhado os relatos que fazemos. Para um texto ser publicado, este tem de encaixar na linha de pensamento dos membros do mesmo jornal.

Infelizmente, a equipa do jornal não soube lidar bem com esta situação. Optaram antes pelo ataque pessoal, passando à ofensa directa da minha ética e da minha escrita.

Eles dizem que me vitimizei, mas relatar o que penso e senti não é vitimizar-me, sobretudo se, por falta de argumentos, eles decidem criticar-me e atacar a minha escrita.

É claro que eles, assim como todos nós, têm direito à sua liberdade de expressão. Contudo, já dizia o ditado: a nossa liberdade acaba onde a do outro começa. Como autora do texto que iniciou a polémica toda que aconteceu, deixem-me que vos diga que teria aceitado as críticas recebidas, se estas fossem construtivas e procurassem realmente melhorar o texto, uma vez que, estando num cargo de poder, é importante saber distinguir a nossa função da nossa opinião pessoal.

O que eu senti é que a minha opinião e a minha liberdade estavam a ser desconsideradas e que só podia partilhar “os meus pensamentos” se estes fossem de acordo com a opinião dos editores e isso punha em causa a minha liberdade de expressão. O que ali estava sugerido não era uma simples edição formal, mas sim comentários pessoais escondidos por trás do nome colectivo do jornal.

O Cola surge então a partir de uma lacuna do suposto meio de representação estudantil. Queremos representar toda a comunidade e queremos que esta seja activa! Todos os textos são bem-vindos, assim como todo o tipo de opinião lógica. Este jornal pretende ser acolhedor e convidativo para todos os membros da faculdade – como uma cadeira do nosso tão amado Cola (que descanse em paz!).

Este jornal é um recomeço, uma página em branco. Não se apoia em anos de experiência, nem na grandiosidade do passado. É um jornal que procura estar sempre aberto à entrada de novos membros. Somos um meio de comunicação que visa uma liberdade de expressão positiva, onde cada um é como cada qual. Procuramos publicar os textos que vocês têm em mente e não uma visão distorcida dos mesmos, que visem apenas o ponto de vista dos editores. Vamos ser uma fonte de positividade e esperamos receber essa mesma positividade de volta. Esperamos ter sucesso na nossa missão e que os artigos sejam do vosso agrado.

We know what we are but know not what we may be.  
(William Shakespeare).

*Anabela P. Dias*

## Pessoa. Mulher. Negra.

### **Mulher. Negra.**

Com o receio de ser oprimida pela mão machista ou calada pelo tiro racista.

Alguns falam que todas as vidas importam, mas quando têm a cor da minha pele nos seus olhos, no seu olhar o preconceito serpenteia.

Alguns falam que as mulheres têm a igualdade que desejam, mas depois perguntam: que mão deixei passar no meu corpo para chegar onde estou.

*Não. Chega!*

De maldades o mundo está cheio e ninguém é obrigado a ouvir “somos todas pessoas” enquanto os seus direitos são renegados pela parte da sociedade opressora.

### **Pessoa. Mulher.**

Graças ao feminismo sou capaz de escolher se quero trabalhar como dona de casa ou na empresa que quiser. Graças ao feminismo posso votar, estudar, ser mais do que uma parideira que perde a sua identidade devido ao homem que de nós decidia o que fazer.

Ainda temos muito caminho pela frente. A nossa luta é constante, pois, muitos nos querem tirar, o que alguém pelo sacrifício, morreu para conseguir conquistar. O feminismo deseja a igualdade. Eu não quero direitos que me façam superior aos homens, quero poder começar a corrida na mesma pista e depois trabalhar para chegar em primeiro.

### **Pessoa. Negra.**

Muitos se esquecem das nossas dores, enquanto lutam com fervor pelos direitos que todos nós merecemos.

Dentro do próprio feminismo a nossa luta ainda não é igual. Somos todas mulheres, mas no passado, enquanto umas eram as donas de casa, nós éramos as escravas.

Nada nesta vida é perfeito. Em todos os movimentos há lacunas que devem ser superadas em união. Não nos podemos esquecer dos privilégios que cada um tem. Enquanto umas estão atrás, quem está à frente deve lutar com elas para ficarmos todas em pé de igualdade. “Ninguém solta a mão de ninguém”, já dizem. Ajudem todas a escalar a montanha mesmo já estando vocês no topo. Dentro do feminismo todas somos diferentes, mas lutamos todas para atingir o mesmo, a igualdade.

### **Pessoa. Mulher. Negra.**

Continuaremos a lutar. Porque a batalha ainda não chegou ao fim.

*Winnie Lourenço*

## A Importância da Experiência da Mulher

É cansativo ouvir-se constantemente que as mulheres agora beneficiam mais que os homens quando não é verdade. Ainda vivemos num mundo explicitamente machista sob o comando do patriarcado que muito diz, mas nada faz. E, infelizmente, tem sido assim desde sempre. Desde as mulheres que ficavam nas cavernas enquanto os homens iam caçar, passando pela Antiguidade onde a mulher nem era considerada cidadã até hoje na qual somos levadas a acreditar que a mudança é um processo e que devemos ser pacientes. Mas somos sempre pacientes, submissas à espera daquilo que nunca chegará se não houver ação. Não podemos negar desenvolvimentos, mas direitos não deviam ser adquiridos enquanto os homens nascem com eles. A sociedade demonstra-se, no mínimo, tolerante quando a tolerância é apenas um eufemismo para mascarar as micro agressões perpetuadas contra as minorias que apenas pedem respeito. O problema com a tolerância é que promove um tipo de grau de aceitação mínimo, quase inexistente, e que é facilmente quebrado.

A arte tem sido uma maneira de canalizar emoções e sentimentos que muitas vezes vêm de sítios de mágoa, e é uma boa forma de compreender o mundo à nossa volta e como nos sentimos, mas nem isso podemos ter. Além das oportunidades roubadas, as nossas experiências e vivências também são facilmente falsificadas: em livros, em filmes, em pinturas. Em todo o lado, são menosprezadas até que outro o faça: alguém que não seja uma minoria. E lucram com isso, sem sofrer. Há quem defenda que sem sentimentos traduzidos na arte, a arte não seria realmente bela e boa.

Nas seguintes obras, podemos notar as parecenças entre trabalhos de diferentes autoras, em diferentes épocas que retratam o mesmo problema: o *male gaze*. Este termo foi primeiramente usado por John Berger no seu livro *Ways of Seeing* e foi popularizado quando Laura Mulvey o usou para criticar a representação da mulher nos media. O termo é popular pois é representativo do olhar masculino sobre a mulher, a forma como ela é retratada no mundo: por um homem para o prazer do homem.



Figura 1. Fotografia de Ruth Orkin, "American Girl In Italy", 1951



Figura 2. "Susanna and The Elders", de Artemisia Gentileschi, 1610

Entre as duas passaram 3 séculos e nada mudou. É seguro dizer que esforços estão a ser feitos para que a mentalidade mude dentro dos próximos anos, mas para isso, é necessário que o monopólio (*white old male cisgender heterosexual man*) masculino seja destronado e que a voz feminina seja ouvida e não apenas usada como forma de isco para o benefício de quem não sujou a tela de lágrimas.

A voz da mulher, tal como a voz de outras minorias constantemente apagadas dos media ou mal retratadas, é importante para o desenvolvimento da sociedade. A tolerância gera violência porque ninguém é realmente "tolerante". O desenvolvimento geraria a normalização das ditas diferenças e, portanto, a aceitação dessas diferenças que a tornariam numa normalidade. É provavelmente utópico, mas um mundo aceitador é um mundo seguro.

*Max*



## Sobre a Igualdade:

### **Nota Introdutória:**

Há um par de anos, era eu calouira na Faculdade de Letras quando, numa discussão amigável acerca do princípio da igualdade, daquelas que ocorrem tantas vezes em torno duma mesa de esplanada, surgiu uma questão cuja resposta, para além de ter demorado mais tempo do que aquele que eu própria gostaria de admitir, penso que mereça ser elaborada para além dos termos a que eu a reduzi no contexto em que a mesma se deu.

O presente artigo tem, assim, como principal objetivo responder, com cerca de três anos de atraso, ao colega que me colocou esta pergunta: “Como é que seria se soubesses que apenas ingressaste no ensino superior para preencheres uma quota?”.

### **História e Progresso:**

Antes de me debruçar diretamente sobre a questão, gostaria de fazer uma nota importante que resulta da antecipação de alguns pontos e argumentos que costumam ser colocados quando pretendemos falar de temas como a igualdade ou o progresso para uma sociedade mais igualitária.

Quando nos propomos a fazer a análise das devidas alterações de modo a evidenciar os desenvolvimentos efetuados na via para a igualdade, temos em mente a ideia de que as civilizações são marcadas por um progresso, um movimento para diante, que nos permite distanciarmo-nos de uma ideologia que, pelo desenrolar dos acontecimentos, já não se demonstra adequada atendendo ao panorama atual.

Podemos, de certo modo, definir o progresso como uma relação metafísica que se estabelece na diferença ideológica presente em dois momentos distintos, onde o que anteriormente se considerava certo, passa agora a ser considerado como errado ou desadequado, ou vice-versa.

“Exploremos a origem e traçaremos a história dos erros generalizados que mais ou menos retardaram ou suspenderam a marcha da razão e que, muitas vezes, até – e tanto como os acontecimentos políticos – fizeram recair o homem na ignorância.” (Condorcet, 1804, pp. 65-66).

A História, enquanto ciência social, tem por objetivo o estudo da ação do ser humano no tempo e no espaço em que se efetua. Marquês de Condorcet realça que o verdadeiro valor da História é sermos capazes de analisar os erros mais marcantes da humanidade de modo que possamos entendê-los e evitá-los no futuro.

Através das suas investigações da História somos capazes de conhecer tanto a origem de determinadas ideologias que serviram de estrutura à sociedade hodierna como dos erros que foram sendo cometidos pela humanidade, logo, devemos ser capazes de os corrigir quando situações semelhantes se proporcionarem. A repetição de um erro sinaliza que a lição intrínseca ao mesmo não foi aprendida pela humanidade e, com isto, estamos sujeitos à sua repetição. Assim, o carácter cíclico que tendencialmente atribuímos à

história não é nada senão a ignorância humana que tende a repetir os eventos negativamente marcantes da nossa História.

No entanto, quando procuramos representar unicamente o quadro dos progressos, podemos criar uma falsa ilusão de mudança quando, na verdade, se mantém o método ou objetivo durante décadas. E é neste ponto fundamental que alguns argumentos contra o ativismo dos dias de hoje têm surgido, muitos deles que, a meu ver, falham em reconhecer que o progresso efetivo é menor do que aquele que aparenta ser.

Esta ilusão fictícia de progresso é uma característica marcante da nossa sociedade em que, ao efetuarmos uma análise da mesma, seremos capazes de reconhecer que, embora muitos aspetos sejam efetivamente distintos dos últimos cinquenta anos, há mais semelhanças entre os preconceitos e discriminações que existiam há cerca de cinquenta anos e as que se verificam nos nossos dias do que gostaríamos de admitir.

“Para estudar, como fez Durkheim, apenas as formas sociais gerais, corremos o risco de colocar como princípio da suavização punitiva processos de individualização que são antes efeitos das novas táticas de poder e entre elas dos novos mecanismos penais.”  
(FOUCAULT, 1975, p. 27)

Pensadores, como é o caso de Michel Foucault, consideram que, por vezes, o progresso não se apresenta como uma melhoria efetiva da situação em questão, representando apenas um método de suavização onde as coisas aparentam ser melhores, sem representar uma verdadeira alteração do panorama, permitindo assim a perpetuação dos mecanismos de poder. Isto é, ainda que no período compreendido entre a instauração do Estado Novo e os dias de hoje consigamos identificar o desenvolvimento da sociedade portuguesa, devemos ser capazes de reconhecer que determinados preconceitos que se mantiveram até agora e que estes se apresentam enquadrados na estrutura legal e social inerente à nossa sociedade.

### **Por la Liberté, Egalité et Fraternité:**

Se ponderarmos sobre os eventos da própria história, podemos definir o período histórico que se estende desde o século XVIII, com o início do iluminismo, até ao século XX – onde se encerra a era imperialista e começam os movimentos nacionalistas – que foi marcado pelos ideais de reivindicação dos direitos de primeira geração: os direitos relacionados com a liberdade.

Já os séculos que se seguiram foram, no entanto, vincados pela forte reivindicação dos direitos de segunda geração, os direitos relacionados à igualdade. A luta pela igualdade não envolve apenas um reconhecimento legal da igualdade entre toda a humanidade, mas também uma luta contra as desigualdades sociais e económicas inerentes à estrutura da nossa sociedade.

### **A Interdependência entre a 1ª e 2ª Geração de Direitos:**

As duas gerações de direitos, ainda que possam ser pensadas como independentes, apresentam uma determinada interdependência.

“Se se procurar em que é que consiste precisamente o maior de todos os bens, que deve ser o fim de qualquer sistema de legislação, concluir-se-á que ele se reduz a estes dois pontos: a liberdade e a igualdade. A liberdade, porque qualquer dependência particular é poder retirado ao estado; a igualdade, porque a liberdade não pode subsistir sem ela” (Rousseau, 1762, p.55)

A liberdade é considerada como um direito inalienável do Homem, o qual não pode ser abdicado ou retirado sem um motivo de força maior, por exemplo, se um indivíduo representar um perigo para a sociedade, a sua liberdade pode ser restringida. Se tal for verdadeiro, então a igualdade também deve ser considerada como um direito inalienável na medida em que, como Rousseau ressalta, a liberdade dificilmente poderá subsistir sem a igualdade, e vice-versa.

Podemos pensar nesta interdependência a partir dos direitos das mulheres. Durante muito tempo as liberdades das mulheres foram restringidas: a mulher não tinha o direito ao voto, a viajar sem autorização do marido, ou até a gerir o seu próprio dinheiro. Mas foram com o tempo conquistando as suas liberdades – sendo que algumas foram, inclusive, conquistadas muito recentemente – porém, se o aumento das liberdades da mulher não for acompanhado de igualdades jurídica e legais das mulheres em relação ao homem, haverá sempre uma determinada relação de dependência da qual a mulher não conseguirá escolher sair, isto é, não sendo igual, não será livre.

### **Igualdade Enquanto Equidade:**

“As raízes da desigualdade económica não têm que ver com a estrutura jurídica e social inerente à nossa sociedade, que se mantêm fundamentalmente igualitária e moderadamente distribucionista, tanto quanto como as características culturais e sociais dos grupos que a integram, mas são o legado histórico das suas condições pré-modernas. Assim, a pobreza negra dos Estados Unidos não é um produto inerente do liberalismo, mas sim o legado da escravatura e do racismo que persistiu muito depois da abolição formal da escravatura.” (Fukuyama, 1989, p. 8)

Para Fukuyama (1989), não devemos tomar as desigualdades como uma consequência inerente do sistema político, porque as causas da mesma nada têm que ver com a estrutura legal e social subjacente à nossa sociedade, mas sim com um legado histórico que determinados grupos carregam, oriundos de preconceitos que perduram na mentalidade apesar de a evolução do pensamento e das formas de pensar e ver o outro.

Porém, se o liberalismo não possuir nenhum meio de combate às desigualdades que se originam pelo legado histórico de determinados grupos, poder-se-á dizer que este não é responsável pelas mesmas, enquanto não combate a sua perpetuação?

A meu ver, este sistema político não fornece uma conceção de igualdade enquanto equidade, o que permite, por exemplo, que as desigualdades económicas, como por exemplo as situações de pobreza nas comunidades negras dos Estados Unidos, se perpetuem, mesmo que já não vivamos numa sociedade que aceite os valores da escravatura ou do racismo. Se as normas não forem adaptadas de modo que os legados históricos não possam servir de meio de discriminação perante os indivíduos destes

grupos (minoritários), então o problema estará, de facto, na estrutura legal e social da sociedade, não porque esta o impinja, mas porque ela é permissiva.

Se predomina um pensamento misógino, machista, racista ou homofóbico na nossa sociedade, ou se existe o legado de tal pensamento, é necessário criar condições para combater as dificuldades causadas pelo mesmo.

Assim, se as quotas existentes que facilitam o acesso ao ensino superior para determinados grupos se demonstram necessárias enquanto modo de combate às dificuldades impostas pelo legado histórico persistente até aos nossos dias, elas devem ser encaradas, também, como uma chamada de atenção à persistência destes valores, especialmente àqueles que têm vindo a defender que os mesmos estão ultrapassados.

### **Notas Finais:**

Fecho a minha exposição respondendo de um modo mais direto à questão que me foi inicialmente colocada e na entoação em que esta me foi colocada. Se soubesse que apenas tive a oportunidade de ingressar no ensino superior devido a uma quota, sentir-me-ia muito contente, em primeiro lugar, pela oportunidade que me foi oferecida, exatamente do mesmo modo que me senti quando eu mesma entrei, e, em segundo lugar, pela evidência de que, apesar da persistência de determinados valores ainda presentes nos alicerces da sociedade, há um reconhecimento dessas desigualdades e uma reivindicação e luta contínua pelo combate a esses valores.

Este segundo motivo de contentamento seria fruto da terceira geração de direitos, que se tem revelado cada vez mais necessária com o avanço do processo de globalização. O sentimento de solidariedade move os indivíduos na defesa dos direitos, como o princípio da igualdade, precisamente porque existe um sentimento de unidade da espécie, como os pensadores do direito natural pressupuseram, e de que os atentados a estes direitos não passam simplesmente pela violação de direitos individuais, mas sim de direitos universais que se entenderiam além-fronteiras.

*Eugénia Patrício*

### **Bibliografia:**

Fukuyama (1989) “The End of History”, *The National Interest*, p.8

FOUCAULT, Michel (1999) *Vigiar E Punir: O Nascimento Da Prisão*, Tradução portuguesa de Raquel Ramallete, Petrópolis, Vozes, 20ª Edição.

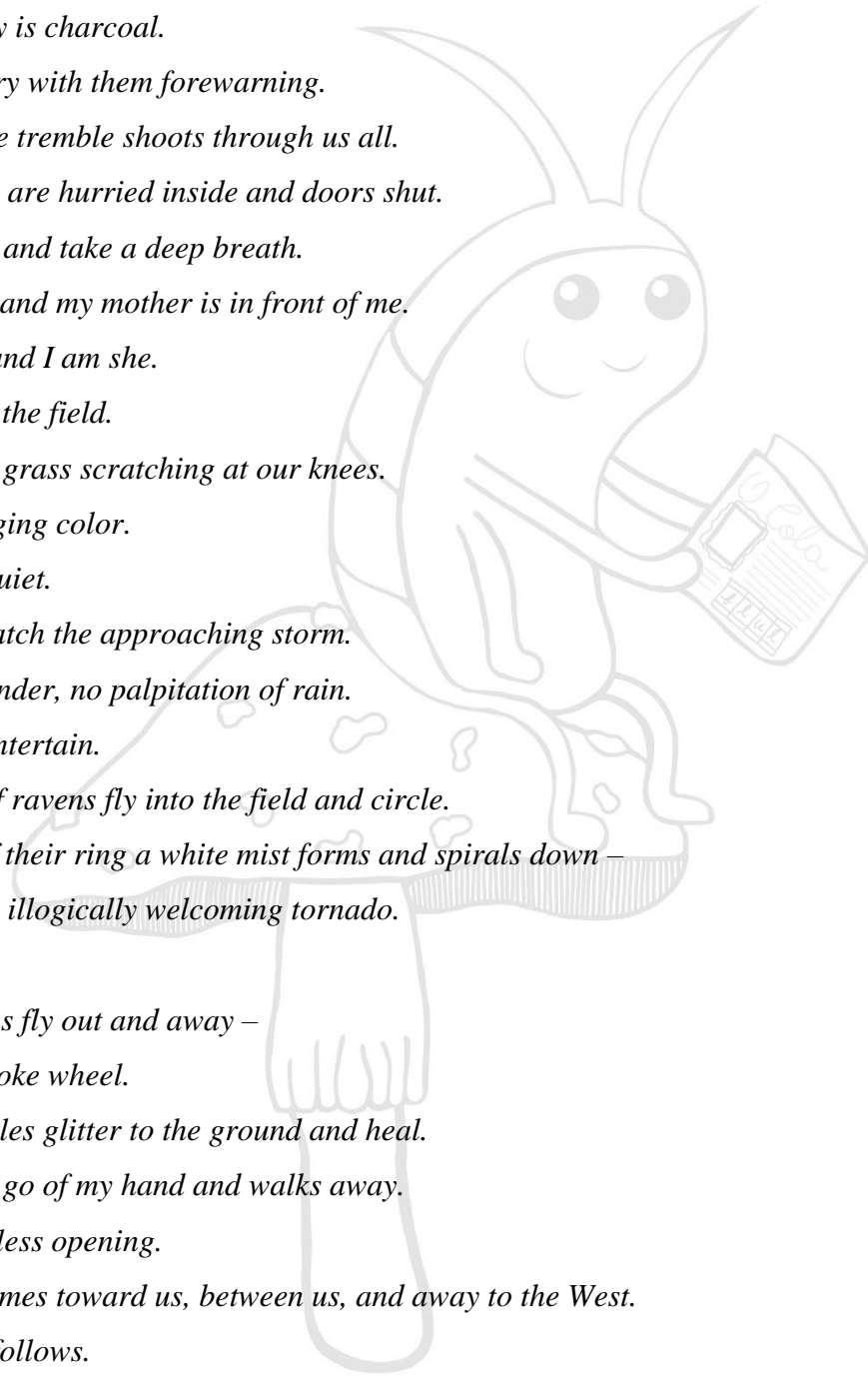
GARDINER, Patrick (1995) “O Progresso do Espírito Humano”, *Teorias da História*, Tradução portuguesa de Vítor Matos e Sá, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 62-70.

ROUSSEAU, J (1762), “Livro I”, *O Contrato Social*, cap. XI, tr. Port., Europa-América, p. 55

## A Conspiracy Of Ravens Abre Horizontes Para O Feminismo Indígena

### *A Conspiracy of Ravens*

*The Eastern sky is charcoal.  
The clouds carry with them forewarning.  
And a collective tremble shoots through us all.  
I wait as things are hurried inside and doors shut.  
I close my eyes and take a deep breath.  
I open my eyes and my mother is in front of me.  
Truly, she is I and I am she.  
We walk out in the field.  
The pale green grass scratching at our knees.  
The trees changing color.  
Everything is quiet.  
We can only watch the approaching storm.  
There is no thunder, no palpitation of rain.  
No sounds to entertain.  
A conspiracy of ravens fly into the field and circle.  
In the center of their ring a white mist forms and spirals down –  
A slow moving, illogically welcoming tornado.  
Flash!  
A halo of ravens fly out and away –  
A perfect 28 spoke wheel.  
A rush of sparkles glitter to the ground and heal.  
My mother lets go of my hand and walks away.  
We offer a fearless opening.  
The tornado comes toward us, between us, and away to the West.  
And the storm follows.  
We feel a breeze, smell rain, see lightening, and hear thunder.  
Hand in hand my mother and I walk back to our family.  
Truly, she is I and I am she.*



*Jihan Gearon*

Num mundo onde há cada vez mais vertentes do feminismo a serem reconhecidas e a combaterem outros tipos de luta, nada parece mais importante do que dar voz a minorias silenciadas ao longo da história. Foi esta ideia que me trouxe até Jihan Gearon, uma feminista afro-indígena. Baseando a sua ideologia na procura da justiça ambiental e na restituição do papel da mulher nas suas comunidades cujas estruturas foram abaladas pelo colonialismo, Jihan luta ao lado do povo Navajo.

O poema *The Conspiracy of Ravens*, baseado num sonho que Jihan confessou ter, invoca o poder feminino e matriarcal das sociedades indígenas. A descrição das paisagens transportam-nos para outros mundos, trazem à flor da pele os nossos sentidos mais profundos. Os sons reproduzidos pelos corvos, a sensação da vegetação contra a nossa pele, a tempestade que Jihan atravessa, até mesmo o silêncio ensurdecedor que permanece durante instantes, consegue teleportar o leitor para dentro do texto. A natureza tem um papel fulcral aqui, uma vez que se conecta a todo o instante com o elemento feminino. Poder-se-á interpretar todos estes fenómenos como, na visão da autora, o papel que uma mulher pode ter na sociedade. Mais especificamente, referir-se a ela como uma força da natureza, que equilibra elementos de ternura, mas ao mesmo tempo, com uma força avassaladora.

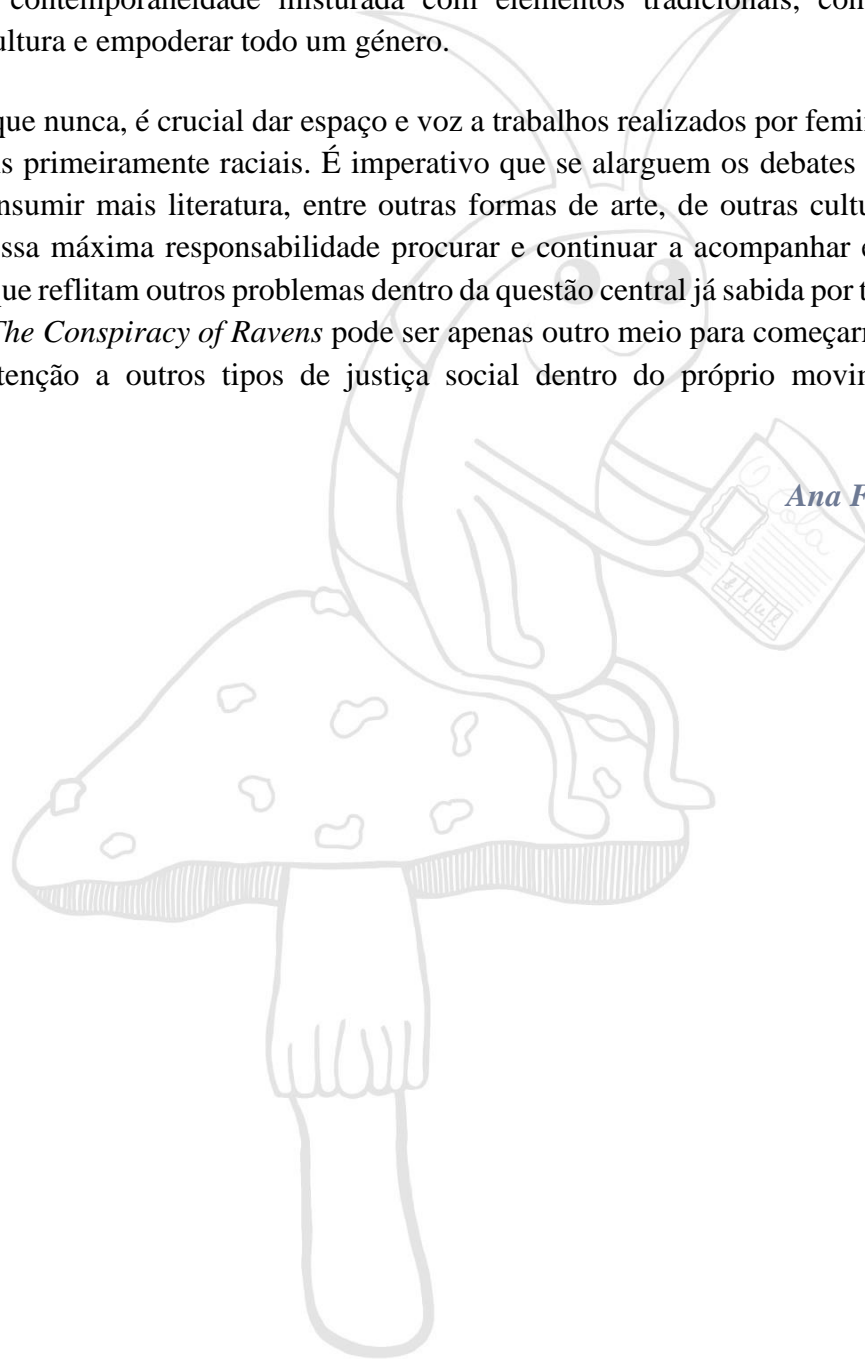
O recurso constante a personificações e metáforas ao longo do poema como, por exemplo: “The clouds carry with them forewarning.” Ou “The pale green grass scratching ndy o knees.” Ressalta a importância que os elementos naturais têm na cultura nativa, na relação que estes têm com a vida da comunidade e, particularmente, com a visão matriarcal até agora descrita. A presença dos corvos não é despropositada, uma vez que em certas culturas nativas estes têm um papel central em muitas lendas tradicionais. Estes animais têm o papel sagrado de levar uma alma pertencente a um corpo falecido até ao paraíso, pelo que, na minha perspetiva, a sua aparição é uma alegoria à morte ou à passagem de um momento na sua vida para outro, onde Jihan percebe que tem algo a enfrentar. As portas que se fecham, tentam manter a situação sob controlo.

Uma outra parte interessante do poema ressalta-se sobre a mãe da autora, da personagem que esta cria no seu texto. Descrevendo um momento de sobressalto, de tentativa de se refugiar do que lhe atormenta, de tirar um segundo no meio do caos para respirar. A mãe – outra mulher – aparece como um conforto. É uma figura maternal, uma líder, a inspirar uma outra no futuro. A maneira cuidada como a autora descreve os sentimentos maternos, como evidencia que a mulher é a principal figura na história é extremamente interessante. Ao ensinar e colocar-se em pé de igualdade (“Truly, she is I and I am she.”), não só a personagem principal consegue encontrar um rumo e enfrentar a tempestade que se avizinha, como também as duas mulheres conseguem mostrar a sua força e capacidade de liderança, um papel que lhes é atribuído nas suas comunidades tradicionalmente matriarcais, que se mostraram aptas a reverter papéis de género até os colonizadores invadirem as suas terras de forma desumana.

Penso que tenha sido um dos poemas mais completos que já li. A combinação da natureza com o sistema patriarcal e a veneração da mulher na cultura nativa, na Navajo, mais precisamente, dá uma sensação de empoderamento à mulher e ao que esta é capaz de alcançar. Faz perceber que talvez haja outras formas de ver o feminismo como nunca tínhamos imaginado antes, ou que em certa medida, têm sido ofuscados ao longo do tempo. A sua contemporaneidade misturada com elementos tradicionais, consegue celebrar uma cultura e empoderar todo um género.

Mais do que nunca, é crucial dar espaço e voz a trabalhos realizados por feministas com abordagens primeiramente raciais. É imperativo que se alarguem os debates e que consigamos consumir mais literatura, entre outras formas de arte, de outras culturas e etnias. É da nossa máxima responsabilidade procurar e continuar a acompanhar esta e outras autoras que reflitam outros problemas dentro da questão central já sabida por todos, o patriarcado. *The Conspiracy of Ravens* pode ser apenas outro meio para começarmos a prestar mais atenção a outros tipos de justiça social dentro do próprio movimento feminista.

Ana Faitão



## Mushrooms, por Sylvia Plath.

*Overnight, very  
Whitely, discreetly,  
Very quietly*

*Our toes, our noses  
Take hold on the loam,  
Acquire the air.*

*Nobody sees us,  
Stops us, betrays us;  
The small grains make room.*

*Soft fists insist on  
Heaving the needles,  
The leafy bedding,*

*Even the paving.  
Our hammers, our rams,  
Earless and eyeless,*

*Perfectly voiceless,  
Widen the crannies,  
Shoulder through holes. We*

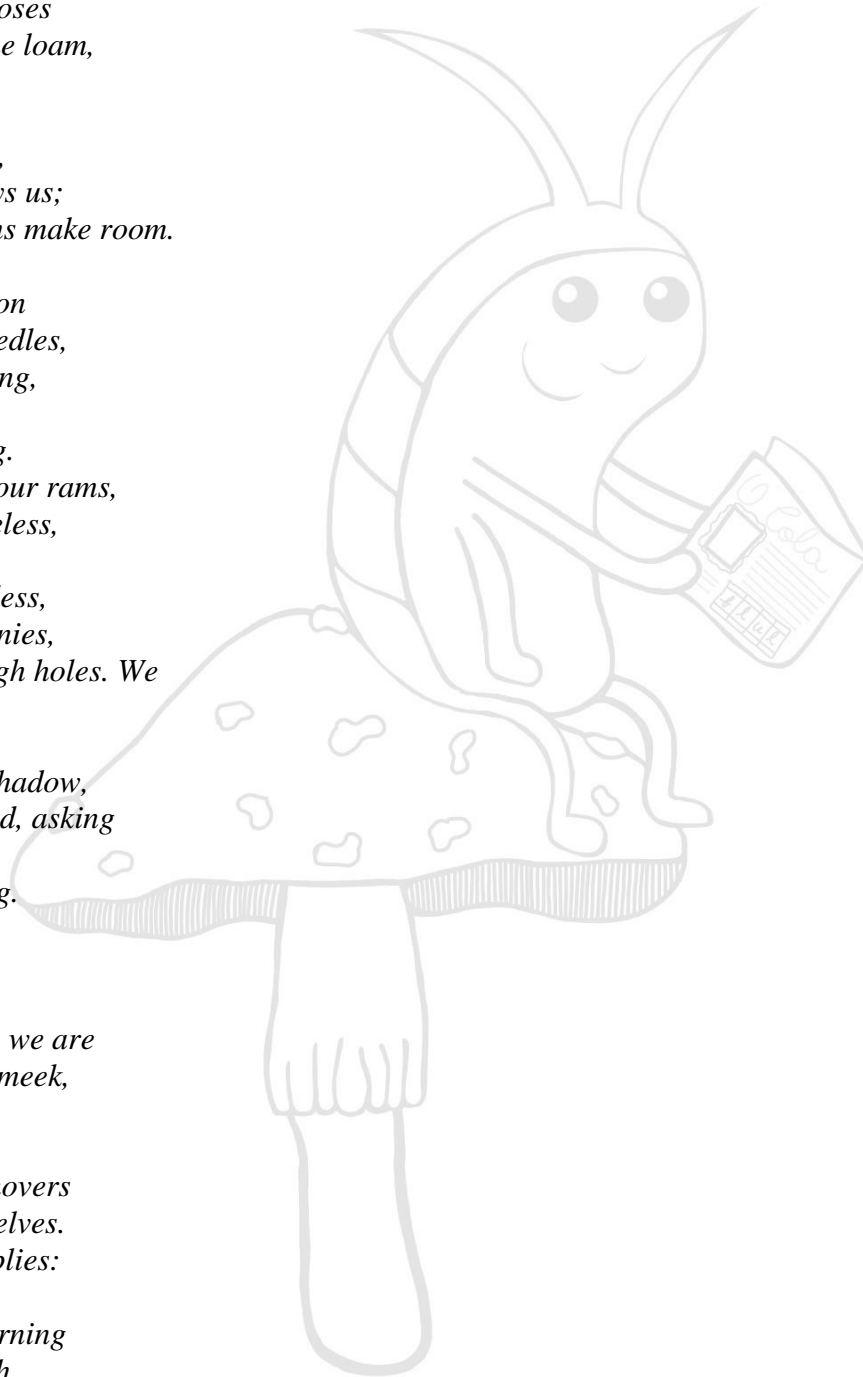
*Diet on water,  
On crumbs of shadow,  
Bland-mannered, asking*

*Little or nothing.  
So many of us!  
So many of us!*

*We are shelves, we are  
Tables, we are meek,  
We are edible,*

*Nudgers and shovers  
In spite of ourselves.  
Our kind multiplies:*

*We shall by morning  
Inherit the earth.  
Our foot's in the door.*



*Sylvia Plath*

Sylvia Plath, nascida em Massachusetts em 1932 num dia plácido e outonal, publicou o poema supratranscrito em 1960, uns meros três anos antes de tirar a sua própria vida. Desde a perda súbita do seu pai quando tinha oito anos, Plath pesava com uma

amálgama enegrecida de luto e abandono que maculou as suas três parcas décadas de existência. «I put my hands among the flames», registou no seu poema *Poppies in July*, «Nothing burns». Por vezes, submergia-se num profundo mutismo pelo mundo, noutras, este submergia-se nela, e estes episódios mareais eram o cenário de uma vida arrugada de inúmeras responsabilidades sociais e familiares decorrentes da condição de mulher do século XX. Plath arrastou-se através da negridão imensa da perda; de tratamentos cruéis e inadequados das suas doenças; da perda de um filho enquanto ainda o carregava e de um casamento abusivo a que sobreviveu<sup>2</sup>. «The hills step off into whiteness / People or stars / Regard me sadly, I disappoint them» são os versos iniciais de *Sheep in Fog*, que escreveu somente um mês antes da sua morte. Plath deixou-nos com pouco, mas é um pouco que repudia o esquecimento, em parte pela sua inovação literária e estilística que ainda fremente desde as suas primeiras publicações, e pela luz que atirou sobre inúmeros problemas femininos que atormentaram (e ainda atormentam) todas as pessoas que se identificam com este género, e é precisamente essa uma das várias interpretações de *Mushrooms*.

Aparentemente inspirado por Mateus 5:5, «Blessed are the meek: for they shall inherit the earth.»[1] (aqui transcrito em inglês para facilitar a comparação), *Mushrooms* explora a redução dos oprimidos à função que ocupam: «Our toes, our noses / Take hold on the loam». Aqui, a comparação com os cogumelos é simples: estes fungos, seja através de parasitismo, saprofitismo ou simbiose, existem obrigatoriamente interligados com outros seres e são incapazes de produzir o seu próprio alimento. Era assim que o género feminino era observado quando Plath escrevia sobre ele, e era assim que ela própria se observava: «We are shelves, we are / Tables», os mais comuns objectos domésticos de suporte (cuja forma se assemelha à dos cogumelos); «We are meek, / We are edible», elementos fracos de um mundo que se alimenta deles e que se constrói em cima e através da sua enorme deferência.

A beleza do poema de Plath é também a resistência que apresenta em se encaixilhar. Não são somente as mulheres que sofrem com este pisamento e domesticidade perpetuados pelas estruturas opressoras, há «So many of us! / So many of us!». Como cogumelos, em cada canto encontramos vítimas das mais diversificadas opressões, cujos papéis nas comunidades que ocupam são minimizados, qualificados como parasíticos e agrilhoados às margens. Como cogumelos, as vítimas de opressão «Diet on water, / On crumbs of shadow, / Bland-mannered, asking». Mas o aviso de Plath é claro: a terra será delas. Se em 1960 o pé já estava para lá da porta, podemos considerar que graças ao movimento feminista, já todo o corpo entrou, trovoando com as vozes de poetisas doloridas mas intensamente inspiradoras como Sylvia Plath, Anne Sexton, Alice Walker ou Carol Ann Duffy, para contar apenas algumas. Há ainda um enorme caminho por percorrer, mas ao mutismo de Plath, paralisada num mundo que não foi construído para ela, vemos agora uma rouquidão ensurdecadora que não só constrói um novo mundo, como também repudia qualquer retorno à abnegação e à escuridão fúngica da domesticidade.

Em *Edge*, Plath escreve: «The woman is perfected. / Her dead / Body wears the smile of accomplishment, / The illusion of a Greek necessity / Flows in the scrolls of her toga, / Her bare / Feet seem to be saying: / We have come so far, it is over.», poema que completou apenas dias antes de morrer. É sobre nós que desce o elmo de manter a luz acesa para que se veja a dor feminina oculta. É sobre as nossas mãos que cai a obrigação de não permitir que o caminho que Plath percorreu volte a ser percorrido, ou que seja sequer alguma vez empurrado para o esquecimento. É através de nós — somente —, e sempre o foi. Os cogumelos não só habitantes da escuridão recôndita; são também símbolos da transição da matéria; são o que transfigura a morte em vida. E nós, que herdaremos a terra, somos tantos. Fazamos dela algo que não desapontaria Plath.

*João Azevedo*

Notas:

[1] «Felizes os humildes, porque terão como herança a Terra!»

[2] Apesar de já não viverem juntos, Sylvia Plath ainda estava casada quando morreu.



## Xiu, isto é bom!

Ouvir Xiu Xiu, esta banda criada em 2002 na Califórnia que coalesce rock, punk e noise debaixo da organza da experimentação, parece ser uma série de sonhos ásperos, termo que Jamie Stewart empresta da balada de Otis Redding «I've Got Dreams to Remember» e emprega na primeira canção do seu novo álbum de duetos «OH NO», que nos chega dois anos após «Girl with Basket of Fruit», o temerário (ou atemorizante) disco cuja ansiedade e visceralidade dominou o mundo da música experimental em 2019.

Foi nesse mesmo ano que Sharon Van Etten revelou o «Remind Me Tomorrow», seu projecto mais recente, como um dos discos de indie-rock mais impactantes da última década. É ela, com o seu timbre suave e pesadamente aéreo, que abre o «OH NO» com a faixa «Sad Mezcalita», cujos traços sonoros e grandes flutuações entre inquietação e ensimesmamento, mergulhados em longas intermissões de afastamento e de diálogo, reproduzem o inequívoco medo corolário à proximidade do outro: a perda. *I have only ever been special to you*, diz Stewart. *You were so much more than only special to me*, replica Van Etten, submetendo-se a uma dor que irrompe numa voz que se vai perdendo, afogada na percussão.

Mas a segunda faixa, «I Cannot Resist», cantada com Deb Demure do projecto *Drab Majesty*, contrasta em tudo com a primeira: a voz (desta vez de Jamie Stewart) é precisamente o que nunca se afoga, enquanto o resto se espria, sobrepuja e desvanesce em várias ondas de harmonia impura pontuadas com passagens corais, sintetizadores e baterias, até que o caos floresce numa abertura onde apenas se ouve ar lacerado juntamente com cantos de pássaros tropicais. Enquanto «Sad Mezcalita» conjura o medo da perda de alguém próximo, «I Cannot Resist» regista a entrega total a essa proximidade, despindo-se da compunção e insegurança muitas vezes transportadas pela mesma. Estas explorações não ocorrem sem uma patina de humor característica de Stewart, que transformou o verso *More hot than sad num [condimento picante](#)*.

Se «I Cannot Resist» é uma trégua das máculas do trauma, esta pode ser considerada brevíssima, pois as próximas duas faixas penetram com intensidade famulenta no imo das consternações de Stewart. «The Grifters» exalta a tragédia da traição e explana um psicológico estrapilhado pela dor através de arranjos magistrais e uma cornucópia de instrumentos dispare que parecem coadunar meticulosamente com a voz hermética de Haley Froh. «Goodbye For Good», feita com Greg Saunier da banda Deerhoof, continua a temática da alteridade esticando-a ao ponto do surrealismo: *For certain the world doesn't need you / Plants find you disgusting*. Estas plantas misantrópicas são veiculares e simbólicas para a própria relação entre Stewart e os outros, que parece gradualmente mais desintegrada desde 2003 com «Promise», e a presença de longos melismas industriais relembra não só este período inicial de Xiu Xiu mas também outros artistas experimentais hodiernos como Tim Hecker e Nicolas Jaar.

O rompimento com as convenções em Xiu Xiu não é, contudo, meramente sonoro, é também social e político, o que se torna mais evidente nas faixas «OH NO» (da qual o

álbum tirou o seu título) e «Rumpus Room». A primeira, que conta com a curta participação de Susanne Sachsse, está profundamente marcada pelos temas de libertação corporal, sexual e rebelião contra as instituições sociais que acorrentam todos — embora de forma muito mais nefasta as pessoas que se identificam com o género feminino — através do opróbrio e da opressão. Esta assinatura revolucionária ganha contornos com a espiral de fúria barulhenta que se vai acumulando ao longo da faixa, e que emparelha gloriosamente na música que a sucede: «Rumpus Room», uma canção com Liars que cria, como o seu próprio nome indica, um quarto fictional e desorganizado que perfura as barreiras sociais e se refugia destas. É aqui que se desprendem as inibições e onde as margens sociais, coleccionando-se como astros gastos e embaçados, se regeneram através de profusões sensoriais estranhadas e da comunhão íntima que estas permitem. «Fuzz Gong Fight», liderada por Angela Seo, retoma estes temas e aprofunda-os, equilibrando abnegação e revolta numa composição repleta de aproximações à domesticidade do silêncio e à violência dos sons desfigurados.

«I Dream of Someone Else Entirely», um dueto parcimoniosamente dividido com Owen Pallett, segura nos punhos tudo o que as composições anteriores foram desfiando, interligando os temas de ferimento e trauma numa composição minimalista que eleva o conteúdo expressado: a despersonalizante realidade dos abusos familiares e a impressão indelével que causam, deixando como única saída a transformação total e final, aludida num refrão que serpenteia entre os interstícios de toda a faixa. «One Hundred Years» segue-se e apenas assevera o sentimento de dissolução introspectiva que se vem desenvolvendo. Esta *cover* do clássico gótico de 1982 de The Cure conta com a voz empalidecida e uivante de Chelsea Wolfe, que se mistura tanto com a de Stewart como com os largos pulsos de instrumentação gótica que cobrem, como canópias, todo o espaço auditivo, fundindo o diálogo apocalíptico da canção original com uma claustrofobia que se alarga como uma mácula enegrecida.

É aqui que «It Bothers Me All The Time» emerge como ponto sereno onde a pele reencontra o sangue, mesmo que apenas brevemente. As vozes de Stewart e Jonathan Meiburg (de Shearwater), fremem em curtos murmúrios, enquanto um piano ancora uma melodia que se vai aproximando da inquietação. Esta última é um bloco de angústia sólida que desce abruptamente, corrompendo o panorama harmonioso: este é o papel do humano no espaço natural — o invasor, o corruptor — comparação que Stewart confirma com palavras: *Coconut crabs are loyal to the Earth / But you are less / Than a crab.*

Mas é «Saint Dymphna», cantada com George Lewis Jr. (de Twin Shadow), que radica este álbum no panteão de Xiu Xiu. Com o nome da santa padroeira das doenças mentais, «Saint Dymphna» narra experiências de transtorno psicológico devido a um relacionamento tóxico através de duas vozes que se ndy o e aconchegam como se partilhassem um único corpo que as produz. É aqui que se observa, pela primeira vez, um protagonista convalescente que transfigura a sua dor numa afirmação: *You've tried to run before / ndy ou will try again / He is not what you are / His life is not the end.* O suporte musical que adorna esta transição, embora tão ou mais bombástico que qualquer outro

momento do álbum, abre-se completamente, implorando ao ouvinte que respire os aromas desta nova liberdade emprestada.

As últimas duas composições, «Knock Out» e «A Bottle of Rum», estabilizam-se nesta leveza construída e exploram as dimensões mais claras do disco. A primeira, com a cantora e activista feminista Alice Bag, ensaia o desprendimento através das sensações e das pequenas comédias diárias: *Killing a scorpion with na orthopedic tennis shoe / Against your hotel room tile*. A segunda, com Liz Harris (de Grouper), é uma ode à desvergonha que celebra não só as tremendas feridas (naturais às reflexões feitas), mas também a nostalgia dos momentos que a merecem, enquanto a mistura de dream pop (que nos lembra Beach House ou Camera Obscura) com o estilo metálico e frenético de Xiu Xiu produz algo deliciosamente sedutor.

«OH NO» emerge como um erro: ao espelhar aquilo do qual deriva, parece compelir o restauro. Mas é precisamente esta recusa — esta mola que não fecha — o fulcro que sustenta o brilhantismo de Xiu Xiu: Esta banda queer que não permite nem encaixamento nem redução, e cujas irregularidades e devaneios são exactamente o tipo de derivações que desafiam a lassidão habitual, provou através de «OH NO» que é essa plasticidade que permite não só um terreno úbere à inovação, mas também a habilidade de ocupar uma multitude de géneros sem perder a riqueza e a textura a que nos têm habituado desde 2002.

*João Azevedo*



## Indomável, de Glennon Doyle.

Glennon Doyle – ativista e líder motivacional – vive na Florida com a mulher e os seus três filhos, é a autora dos bestsellers *Guerreira do Amor*, *Carry on, warrior* e *Indomável*. Além de escritora Doyle é fundadora e presidente da *Together Rising*, uma organização sem fins lucrativos, gerida por mulheres e cujo objetivo é ajudar mulheres, famílias e crianças em situações de perigo.

*Indomável* procura explorar a reação da escritora às situações com que se foi deparando ao longo da vida e as consequências dos caminhos pelos quais optou. Glennon apresenta várias questões ao nível das suas relações interpessoais, sobre o seu casamento heterossexual, saúde mental, sexualidade e parentesco.

“As mulheres altruístas contribuem para uma sociedade eficiente, mas não bela, verdadeira ou justa. Quando as mulheres se perdem, o mundo perde o rumo. Não precisamos de mais mulheres altruístas. Precisamos de agora de mais mulheres que se desintoxicaram tão completamente das expectativas do mundo que não estão cheias de nada além de si mesmas. Precisamos de mulheres cheias de si. Uma mulher cheia de si conhece-se e confia em si o suficiente para dizer e fazer o que deve ser feito. E deixa o resto arder.” (DOYLE, 2021, p.1)

Glennon escreve de maneira acessível, ainda que nos obrigue a procurar conhecer melhor conceitos e assuntos, que durante muito tempo, foram considerados como tabu. O livro apresenta-se como uma busca pelo autoconhecimento e pela melhor versão de si durante toda a sua escrita. Muitos leitores categorizam este livro como sendo de autoajuda na medida em que ao relatar a sua vida e a sua jornada, a autora faz uma descoberta pessoal sobre os seus valores, mas apesar de podermos refletir sobre a jornada, não podemos considerá-lo como um guia para situações semelhantes.

Considerado um livro de não ficção, a sua história conta como Glennon superou um vício com drogas e álcool, como se junta ao feminismo, como descobriu a sua sexualidade e como lida com isto tudo mais três filhos. Supera estes problemas, com a sua escrita, mantendo a mente ocupada e com uma terapia longa.

Considero-o um livro reflexivo, em que uma pessoa precisa de parar, pensar e refletir sobre o que está a ser dito, para assim compreender melhor o ponto de vista da autora e de modo a podermos olhar para nós e para as situações do nosso quotidiano de maneira distinta.

A sua jornada é inspiradora e contada de uma forma incrível. Como ponto fraco do livro, considero-o uma leitura difícil. Não pela escrita, mas sim, pelos conteúdos tratados e da forma como são tratados, visto que tratar o feminismo e a sexualidade sem passar pela definição de determinados termos ou pela exemplificação de determinadas situações pode conduzir a uma má compreensão daquilo que se pretende, na verdade, dizer.

*A. Patrício*

## A verdade obscura sobre a expressão “Dói, não dói? Estudasses.”

“Estudasses/ estudasses/ que verdadeiro inferno” – é este o refrão de uma música que se intitula como pertencente à praxe, “O Inferno do Senhor Arquitecto”. Que os quase dois minutos não nos enganem, disfarçando os risos dos intérpretes com uma melodia aparentemente alegre – estamos, na verdade, perante uma versão musicada de um caso de violência sexual.

2 de Outubro de 1989. Parece obsoleto falar de algo tão antigo, mas é este o ponto de origem da expressão que hoje analisamos. Nesse mesmo dia, a revista *Semana Ilustrada* publica um artigo, intitulado “As Loucuras Sexuais de Tomás Taveira”. Tomás Taveira, aos 50 anos, era alvo de um “escândalo sexual”, assim apelidava a imprensa, até hoje. O designado “escândalo sexual” tratava-se da divulgação de cassetes VHS, que mostravam o famoso arquitecto, responsável pelo complexo das Amoreiras e o Estádio José Alvalade – por exemplo -, em relações sexuais com várias das suas alunas. Apesar do sucedido, Tomás Taveira manteve-se como professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (actual Universidade de Lisboa), até 2003 – ano em que terá sido expulso, após um processo disciplinar.

O que realmente importa não é a análise das consequências que poderão ter sucedido, ou não, entre os vários envolvidos, mas antes as questões que este episódio volta a colocar, numa época em que, cada vez mais, nos erguemos contra a propagação de vídeos sem o consentimento dos intervenientes[1]. Esta é uma história sobre isso, mas também uma história sobre como reinterpretemos hoje uma questão que caiu no esquecimento de muitos, tornando-se numa piada – para muitos estudantes – inofensiva.

“Dói, não dói? Estudasses.” – quantas vezes não ouvimos esta expressão, banalizada e descontextualizada, ao longo do nosso percurso académico? É uma expressão que, para muitos de nós, é uma mera referência à inércia estudantil, à negativa escarrapachada na pauta, que nos faz pensar que deveríamos ter estudado mais. Para esses, este artigo servirá de sensibilização para o real contexto da expressão.

Surge, no entanto, um outro grupo: os que conhecem a história desta expressão. Dentro deste grupo, heterogéneo, podemos subdividir entre dois tipos de sujeitos: os que recusam usá-la e os que, mesmo conhecendo o seu contexto, julgam ser ainda alvo de humor (e que o digam as canções e *memes* facilmente encontrados na Internet). Para este último grupo, este artigo surge numa tentativa de alertar para um uso consciente da mesma. Se a escolha é prosseguir com as piadas com a expressão “Estudasses”, fiquem então a saber que estamos a passos largos de normalizar a violência sexual contida nos vídeos, lamentavelmente, ainda propagados na Internet.

O que é visto nesses mesmos vídeos é digno de um *trigger warning*, pelo que não aconselhamos quer a visualização dessas imagens, quer a leitura do seguinte parágrafo, no caso de serem sensíveis à violência sexual:

As imagens mostram várias mulheres, todas elas alunas, em actos sexuais com o professor. Em vários casos, as mulheres gritam durante o sexo anal, pedindo várias vezes

para parar ou mostrando sinais óbvios de que está “a doer muito” – diz uma das alunas. Não só há sinais verbais de que há sofrimento envolvido, como mais do que uma mulher tenta afastar o professor, ao que este desmerece quaisquer das queixas proferidas pelas mulheres – ora afastando os seus braços, ora dizendo que a dor vai passar, enunciando obscenidades (nomeadamente, respondendo a uma queixa de dor com “É grande?”), ou... dizendo a expressão popularizada, cujo contexto original é o horror e choro com que muitas destas mulheres vivenciaram aquele episódio.

Hoje, mais do que nunca, é necessário alertar para o uso desta expressão, que de humorística não tem nada. O uso de “Dói, não dói? Estudasses.” não pode ser uma expressão despida do seu real contexto, como se optássemos por uma amnésia colectiva, de um episódio – certamente antigo -, mas não menos perturbador que outros. Escolher usar esta expressão, depois de se conhecerem as suas origens, é perpetuar essa mesma amnésia, nos casos em que não se referencia o evento original. No entanto, não deixam de surgir publicações humorísticas, que escolhem deliberadamente referenciar até o nome do arquitecto, pelo que torna impossível o seu desconhecimento do episódio. Para esses, o uso da expressão perpetua a descredibilização da violência sexual contida neste lamentável episódio. Fazê-lo é imortalizar piadas sobre mulheres que não queriam consentir o que lhes foi feito, é banalizar comportamentos inadmissíveis, é manter esta história como um “escândalo sexual” das revistas cor-de-rosa.

Entre os que considera(ra)m o caso como um mero assunto de mexerico, Tomás Taveira designa o episódio como: uma “página branca”, que pouco ou nada afectou a sua vida profissional. Peguemos, então, na esferográfica e escrevamos, as vezes que forem necessárias, preenchendo todas as páginas: *Não esquecemos as vítimas de violência sexual.*

*Ariana Galamba*

#### **Notas:**

[1] Exemplo disso é o caso de Inês Marinho, criadora do movimento [#nãopartilhes](#). Ainda menor, viu fotografias da sua conta no Instagram partilhadas num grupo de 20 mil pessoas no Facebook. Mais tarde, foram partilhadas fotografias íntimas suas em plataformas como o Whatsapp, Twitter e, há menos tempo, o Telegram. Foram estas experiências, que a fizeram, com apoio de um grupo de raparigas na mesma situação, dar vida ao movimento “Não Partilhes”, com o intuito de sensibilizar e apoiar vítimas da divulgação de conteúdos não autorizados. Segundo a APAV, com a pandemia, os números de casos têm aumentado.

## Nostalgia pré-pandémica: olhares analógicos de uma caloira

Entre as 9 e as 10 da manhã há uma luz diagonal que entra pelas janelas do 1º piso, uma luz muito etérea feita de partículas do ar que atravessa o vidro, vinda do jardim – ou será o pó das almas que passam por ali? Nunca me agradara a ideia de acordar cedo, mas entrar precocemente naquele átrio como se fosse uma das primeiras flores do dia fazia-me sentir parte do amanhecer...



Pés frios, manhã de Setembro, folhas manchadas de café. O outono aberto ao meu lado, o avião que passava lá fora – lembrando que o saber é uma maneira de viajar. Sentia-me como um fantasma, assombrando diariamente as paredes rosa coral dos corredores universitários, alimentando-me freneticamente de conhecimento. Estava apenas no primeiro ano, mas sentia que perambulava por ali há mais de um século.



Dirigi-me ao jardim, aquele com a estátua sem nome que há meses tentava decifrar -provavelmente um rei desconhecido – e sentei-me nas raízes da minha árvore preferida -não aquela mais bonita, de raízes longas que cobriam quase todo o jardim, mas uma mais isolada, no canto mais longínquo, por trás de um muro de arbustos. Ali não estava tão exposta ao mundo, ao mesmo tempo conseguindo observá-lo de longe – uma visão panorâmica e privilegiada. Protegida dos olhares alheios, sentia-me livre para afundar-me na minha poesia.



O que se esconderia por trás das letras? No baixo-relevo do edifício, três Musas resguardavam os meus pensamentos como que madrinhas intelectuais.

Na fachada lateral, um Apolo em pedra rosal cavalgava pela minha imaginação, trazendo o sol da inspiração ao meu papel em branco. De repente, senti um peso nos olhos; o sol embriagava-me, as imagens à minha volta cada vez mais oníricas... De improviso, já não estava ali. Flutuava sobre o jardim como éter, em sintonia com as folhas das árvores que esvoaçavam ao meu ritmo... Adentrei o átrio principal, aquele corredor colunado e magistral que me fazia sentir dentro de um pátio moderno. Na sua extremidade, um grande painel de cerâmica policromada, no qual uma figura feminina pintada de branco segurava, em cada mão, uma esfera. Dirigia-me até ela quando, de repente, saiu do painel. Suavemente, pousou um dos pés no muro; a veste roçava o solo, os pés pareciam flutuar.

-Sou a Inteligência. – apresentou-se. Pairava no ar com o seu longo pescoço, o seu rosto bem desenhado e os seus olhos descolorados.

-Porque me chamaste? – questionei.

-Deve ser tão solitário, saber tudo o que sabes...

-É, mas não é suposto ser assim?

-Não... O saber não é uma torre de marfim. É uma porta aberta que deixa entrar a luz lá de fora...



E, dizendo isso, levou-me para o lado oposto do átrio. Passamos a entrada e, subitamente, as gravuras incisas nas fachadas do pátio ensolarado descolaram-se das paredes, ganhando vida. Um por um flutuaram à minha volta – Adão e Eva, envergonhados por terem posto no mundo o pecado; Dante e a sua Beatrice; a Deusa Tétis, de tridente na mão e longos cabelos azuis, apontando para “a grande máquina do Mundo”; até Hamlet, com a sua caveira e os seus profundos dilemas existenciais... Por fim, os heterónimos:

Reis, doutrinando-me com as suas velhas metáforas estóicas; o Mestre, observando-me com aqueles plácidos olhos azuis que me acalmavam o coração; e o Álvaro, esse turbilhão de emoções históricas, com aquele triste monóculo gritava-me em silêncio... E eu, com a porta aberta aos espectros luminosos, deixei-os a todos entrar.

Abri os olhos; continuava no jardim. No meu colo o papel anteriormente em branco parecia agora envelhecido, meio devorado pelo tempo. Sob o fundo amarelado, lia-se:

*Saudade.*

*Bianca Burlacchini*